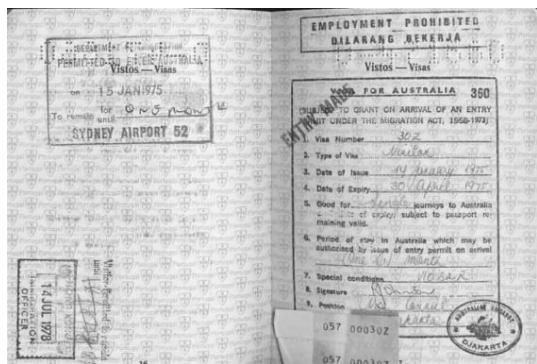


4. BALI e AUSTRÁLIA - VIDA NOVA



4.1. AMNISTIA, FÉRIAS, VIAGENS - crónica 10, 19 janº 2006

“A estrada para o inferno é pavimentada de advérbios”

Mark Twain (1835-1910)

Depois da amnistia de Spínola, finais de novº 1974, vejo autorizado o gozo de licença militar. Tudo começou por um acaso a que a minha vontade era alheia. Fui para Bali por um telefonema que me deixou solteiro. Geograficamente já estava. Há tempos, fiz a estatística: dos casais portugueses em Timor e quase nenhum se mantinha casado! Seria da comida? Da água? Do clima? Que a terra marcava as pessoas já se sabia, mas que iria influenciar duma forma duradoura os casamentos dos que lá tinham estado era merecedor de mestrado.

Fui a Bali, Jacarta, Jogyakarta, Surabaya (Java) antes de visitar a Austrália (Melbourne e Sydney) onde estabeleci contactos com diplomatas e me apercebi da amplitude da revolução. Éramos quatro ou cinco milicianos à aventura. Em Bali a gentileza e cortesia das jovens deixou-nos assombrados, mas era só simpatia e mais nada. Nunca podíamos ter namorado com uma. A comida barata, a humidade insuportável, as praias um espanto. Ao chegar, nada sabia além do que ouvira aos “hippies” na “Beach House” (Díli).



Reconhecem o Francisco Sarsfield Cabral, de óculos, na foto?

Fui para o alojamento mais barato, losmen “*Sapta Petala* (descrevendo a vida do homem, símbolo das sete hierarquias da vida humana),” hospedaria comunitária, ocupada por jovens ocidentais. Um retângulo com 12 quartos em torno do jardim. Os sanitários eram um buraco comunitário no chão, com duas pegadas onde era suposto colocar os pés e fazer as necessidades, agachado, à boa moda oriental. Para nos lavarmos havia um grande tanque (*um metro e meio de alto*), e um balde para encher e despejar quando estávamos

ensaboados. Pendurado do teto, um pequeno espelho para os que faziam a barba, atividade rara nos idos de 1973. A princípio causava certa impressão, mas depois de viver em Timor sem banhos quentes, e com limitada luz elétrica, este primitivismo simples era bom.

No centro, a casa dos donos, em bambu, toda aberta, a cama elevada como um trono dominando o centro. Havia a varanda, a toda a volta, em frente aos quartos.

Ali, interminavelmente, "Sam" Katut tocava o xilofone de bambu (*marimbás*), evocando lendas e tradições do livro sagrado *Rāmāyana* (रामायणः: marcha, épico de 24 mil versos em 7 kānds (capítulos) com o príncipe Raghuvansi “Dinastia do Sol”, Rama de Ayodhya, cuja mulher Sita é raptada por Rākshasa, demónio).

À semelhança do épico Mahābhārata, a Rāmāyana não é só uma boa história, contém ensinamentos sábios por alegorias, com aspetos de devoção e filosofia. Rama, Sita, Lakshmana, Bharat, Hanumāna e Rāvana (supervilão) são fundamentais na consciência da Índia. Cristãos creem no nascimento de Jesus e Hindus no de Rāma (3000 a.C.).

A vida girava em volta da casa, onde continuamente preparavam o chá quente para as garrafas termos que colocavam, a toda a hora, com um biscoito, à porta dos hóspedes.



Praia de Kuta dezº 1974 maio 1975

De manhã a família preparava oferendas: um cesto de comida e um pau de incenso para as divindades na esquina da estrada de Kuta para Denpasar. Estatuetas pequenas, de feições aterradoras, normalmente vestidas com uma saia de chita aos quadrados pretos e brancos. Esses pequenos cestos, de uma leveza e complexidade incríveis, têm por função acomodar uma flor, vela, ou incenso, no chão, numa encruzilhada, para agradecer aos deuses (e são tantos!). As oferendas biodegradáveis são reincorporadas na natureza. As meninas entoam cânticos, seguem as mães ou irmãs, nas cerimónias, aprendendo umas com as outras.

O animismo, a crença nos demónios e nos espíritos malévolos, mantêm-se bem arreigados. Os balineses têm uma visão dualística do mundo: o céu e a terra, o dia e a noite, os deuses e demónios que necessitam de oferendas para se apaziguarem. Muitas vezes, apenas uma flor ou folha de banana num pequeno cesto de arroz e ai de quem os pisar, como aconteceu a alguém que me acompanhava e ouviu impropérios em balinês. Nunca cheguei a saber se era esconjuro ou não, nem se a maldição se cumpriu. Quem me seguia perdeu-se na voragem de gente que preenche a vida em momentos fugazes. Depois, tal miraculosamente, desaparecem sem rastro, nem o fumo do nome ou a névoa da face. São como as pupas das borboletas.



Passeei e vivi o oposto da vida até então: *sex, drugs and rock'n'roll*. Conheci gente e apaixonei-me (*uma vez mais e sempre loucamente*) por uma australiana de Melbourne (fiz casamento tradicional em cerimónia florida à moda local), “batizado” tardiamente com uns charros (*bob hope*), e uma omeleta de 32 cogumelos mágicos que me fez tripar durante seis horas e até fiz *bodysurf* apesar do medo ancestral do mar, sob chuva torrencial.

Momentos inesquecíveis. Vivi esse sonho como se não houvera amanhã até ela regressar a Melbourne após 3 anos na Europa (Torremolinos) e hinterland (Afeganistão, Nepal, Índia.)

Desolado, prometi ir ter com ela, logo que pudesse. Sentia-me verdadeiramente feliz e livre. Ao chegar a Díli descobri que Darwin fora arrasada pelo ciclone Tracy na véspera de natal. Vendi coisas para ter dinheiro para a viagem (até a máquina de filmar Super 8). Conseguí lugar num voo superlotado, na agência de viagens da família do Capitão Chungue.

Impulsivo, em questões de amor, apanhei o primeiro avião para Bali e Jacarta, a custo das habituais centenas de rupias para a corrupção, no aeroporto de Kupang.

Fui à Embaixada Australiana (Jacarta) com comprovativo de oficial do exército português e uma carta dela a garantir-me acomodação quando fosse à Austrália. Dispunha de bilhete de regresso, dinheiro da estadia e na hora deram o visto. Embarquei para Melbourne.

Saí do terminal das linhas aéreas Ansett, na baixa, apanhei um elétrico para Prahran e o condutor, emigrante jugoslavo, meteu conversa e achou piada à *minha* história. Nem trocou os AUD\$ 20 que *Ihe dei* para a viagem. Indicou-me onde dormir barato, no YMCA (Young Men's Christian Association). Depois, novo elétrico por St Kilda Rd. e Commercial Rd.

Esperei toda a tarde, num banco de autocarro, na esquina de Malvern Rd. frente a Bendigo St. onde morava com os pais.

Por trás, uns prédios horrorosos de mais de 20 andares, habitação social dos anos 60 quando se gentrificou o subúrbio que era predominantemente irlandês e grego. Passados dias finalmente

fui tomar café e jantar *com ela*, a um ótimo restaurante na Baixa (este otário pagou). O irmão dela, Bryan, teve pena de mim, tirou-me do hostel e fiquei em casa dele.

Fomos a festas e bares, apresentou-me a amigos e levou-me a conhecer Melbourne, praias, etc. O dinheiro começava a ser insuficiente para o elevado custo de vida. Fui a concertos (Neil Young e Roberto Carlos, pasme-se! eram atrações) e ao Hard Rock Café onde ouvi pela primeira vez a Renée Geyer (mais tarde a ouvi em muitos sítios, faleceu em 2023.)

Perdi um festival tipo Woodstock em Sunbury, mas vi a cidade, a baixa, toda a pé e gostei imenso. Tentei encontrar-me com a (pen pal) *minha amiga* neozelandesa Helen McNeil, mas não tinha dinheiro suficiente para ir à Nova Zelândia. Haveria de regressar.

Fui ao Consulado Português (St Kilda Rd), onde pontificava o falecido John Dowd. Ali me adiantaram cem dólares (o que ninguém faria hoje).

Melbourne fora desperdício de tempo e dinheiro. O idílio de Bali fora fábula, para ela despedida de férias, *affair* de verão. Um dia vou pedir ao Estado a indemnização por falta de aulas de sexualidade na escola, nunca distingui entre paixão e amor e o resultado era este.

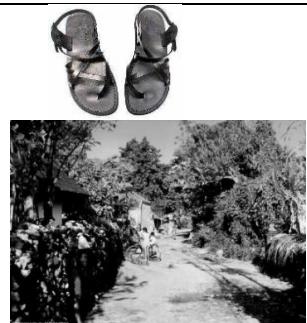
Apanhei voo até Sydney para conhecer a cidade. Fiquei num hostel da juventude em Bondi North e fui a Strathfield, ao velho Consulado, onde conheci o Deolindo da Encarnação e o cônsul Mello Gouveia que me levaram a almoçar. Tinha lá estado o Ramos-Horta e trocamos impressões sobre Timor. Decidi que este era o país para o futuro. Rumo a Díli, a Zamrud deixara de voar para o Cupão e em Denpasar avisaram que o território estava off-limits (interdito a estrangeiros).

Comprei um pequeno restaurante, o Perama's, especializado em bolos (bolo de banana), por 20 contos (€100 de hoje), no lado esquerdo da estrada rumo a Legian. Uma compra, a meias, com um "mate" australiano (Dick Thornton, um vigarista barato de Bondi), exilado em Bali por causa dum "pequeno problema legal" com drogas (se voltasse ia cumprir pena). Depois, soube que continuava a importar "material" da Tailândia para a Austrália. Já o irmão não escapara à cadeia.

O restaurante *era* em chão de terra batida, teto de lona, uma dúzia de mesas. A família Perama vivia nas traseiras, mas o trabalho *de la* era pago por nós. Dava lucro, era bom e muito barato. Os bolos, *eram* menos enjoativos que a cana-de-açúcar esmagada por primitivas máquinas em qualquer esquina e que custavam uns céntimos.

Não demorei tempo a conhecer gente nova, amigando-me com um anjo de Nova Gales do Sul (Byron Bay, onde vivia o ator Paul Hogan "Crocodile Dundee" e hippies, verdes, ecologistas, naturalistas, e consta que se cultiva a melhor erva australiana, ciclicamente destruída pela polícia federal australiana). *A futura Ms estava em Bali, com a Stephanie e o irmão, primos direitos e geriam um negócio de exportação e manufatura dos típicos batik indonésios, vestuário impresso a tinta no tecido, segundo um método centenário. Fazia o design e exportava para a firma dos pais dado haver grande procura na Austrália.*

Tímida e sensual, lentamente se envolveu amorosamente comigo, para consternação dos primos que não me achavam grande peça. Era caucasiano mas não-australiano, de cultura e hábitos diferentes. E assim, por culpa de não me terem deixado embarcar para o Cupão que tudo começou. Depois, mudou-se para a minha casa, minúscula, dum quarto só, pintada por anteriores locatários, em Poppy's Lane (quem desce do lado esquerdo).



1975 Poppies" Lane
areia e buracos



magnificamente decorada varanda em
Poppies" Lane

Havia a cama de madeira em pau-preto, muito alta, sem colchão, como era típico. Cá fora um pequeno átrio coberto, com desenhos das pessoas que lá passaram. Tomava-se banho de balde, à balinesa, no jardim ao ar livre. A casa era uma obra de arte em permanente construção. Eu era mais dos gatafunhos que dos riscos.



Poppies Lane 1975 -



Poppies Lane em 1975



em 2012

Foi um idílio suave, marcado pela volatilidade, iria durar três anos embora não o soubesse, culminando na tradicional cerimónia local de casamento. Tempo de paz e de serenidade comigo e com o mundo, que deixaria saudades eternas e dúvidas sobre se não teria sido o encontro fortuito de almas gémeas.

Na época, no nosso círculo, não se fumavam charros e longe ia a vontade de cogumelos mágicos, ficou a memória do dia que nunca mais findava e bodysurf entre vagas alterosas. Mais uma experimentação no baú da memória para dizer que se degustara e sobrevivera. Mudei radicalmente e não só de aspetto. A vida decorria simples, bebia-se Pernod no "Poppies", um dos melhores bares de Kuta, que tinha o célebre Mateus Rosé de exportação superior à produção.



HOJE POPPY'S LANE É ASSIM, MAS HÁ 30 ANOS ERA UMA ESTRADA DE AREIA ORLADA DE PALMEIRAS E CHEIA DE BURACOS NO CHÃO, NORMALMENTE CHEIOS DE ÁGUA DAS CHUVAS.



O Poppies' bar original 1975



cabanas do Poppies's original em 1975



First Poppies' Staff, 1973

Poppies: A lenda diz que, nos anos 60, existia em La Jolla, Califórnia, um pequeno restaurante Poppies frequentado por famosos de Hollywood, batizado em nome da flor estadual, a Golden Poppy (mais laranja que ouro). Em 1972, o

restaurante fechou; os proprietários de férias em Bali conheceram a jovem Zenik Sukenny, com quem planeavam abrir um restaurante-bar em Kuta. Zenik geria o bem-sucedido restaurante de rua "Jenik's Warung", que servia refeições simples. As quatro primeiras cabanas foram construídas em 1974/75, vinte em 1980/81, a piscina em 1987, as casas restauradas em 1996 e 2006 numa mistura de estilos de construção tradicionais e confortos ocidentais.

Comprei o primeiro par de "jeans" (ganga, chamam os portugueses), o cabelo e a barba cresciam, badana na testa, calções de linho, kebaya ou *uma camiseta batik*, sandálias à Jesus Cristo. A viela (Poppy's Lane) era um mero caminho lamaçento, hoje alcatroado, rumo à praia de Kuta, orlada de palmeiras e piso de areia, esburacado, normalmente cheio de água das chuvas.

Sinto nostalgia ao pensar na mulher doce, insubmissa, que rompeu com a oposição da família para seguir o coração. Talvez me levasse a bom rumo e não ao caos dos anos seguintes. Deixei-a com a promessa de que voltaria logo que resolvesse a complicada situação militar, iríamos viver juntos, para sempre, ali ou no fim-de-mundo. A vida prega partidas, que a vontade e os conflitos humanos interpessoais não sabem ou não podem resolver. Se não se tivesse complicado da forma habitual e eu não fosse tão indeciso (sempre a pensar no melhor para os filhos), teria continuado com ela quando se juntou a mim em Macau dois anos depois. Talvez tivesse tido menos provações e mais alegrias. Nunca saberia, dadas as tentativas infrutíferas nos anos 80-90 para a reencontrar. O endereço postal devolvia-me as cartas.

O que se passara no mundo? Em Bali não acompanhava a situação em Timor. Vivia momentos idílicos. Um dia, andava de mota e fui reconhecido por um companheiro de armas, alferes Carlos Alão (velho conhecido da Foz do Douro). Estava considerado desertor em Díli. Devia ter-me apresentado em janeiro. O SMO fora encurtado e se voltasse substituiria o Chefe da Intendência, que queria ir embora. Talvez arquivassem o processo. Assim fiz, depois de falar com a amada de *Byron Bay*. O Dick ficou a tomar conta do *Perama's* até eu regressar. Continuava na exportação de "*Buddha sticks* (erva dopada com ópio da Tailândia)" e ia ali ficar.

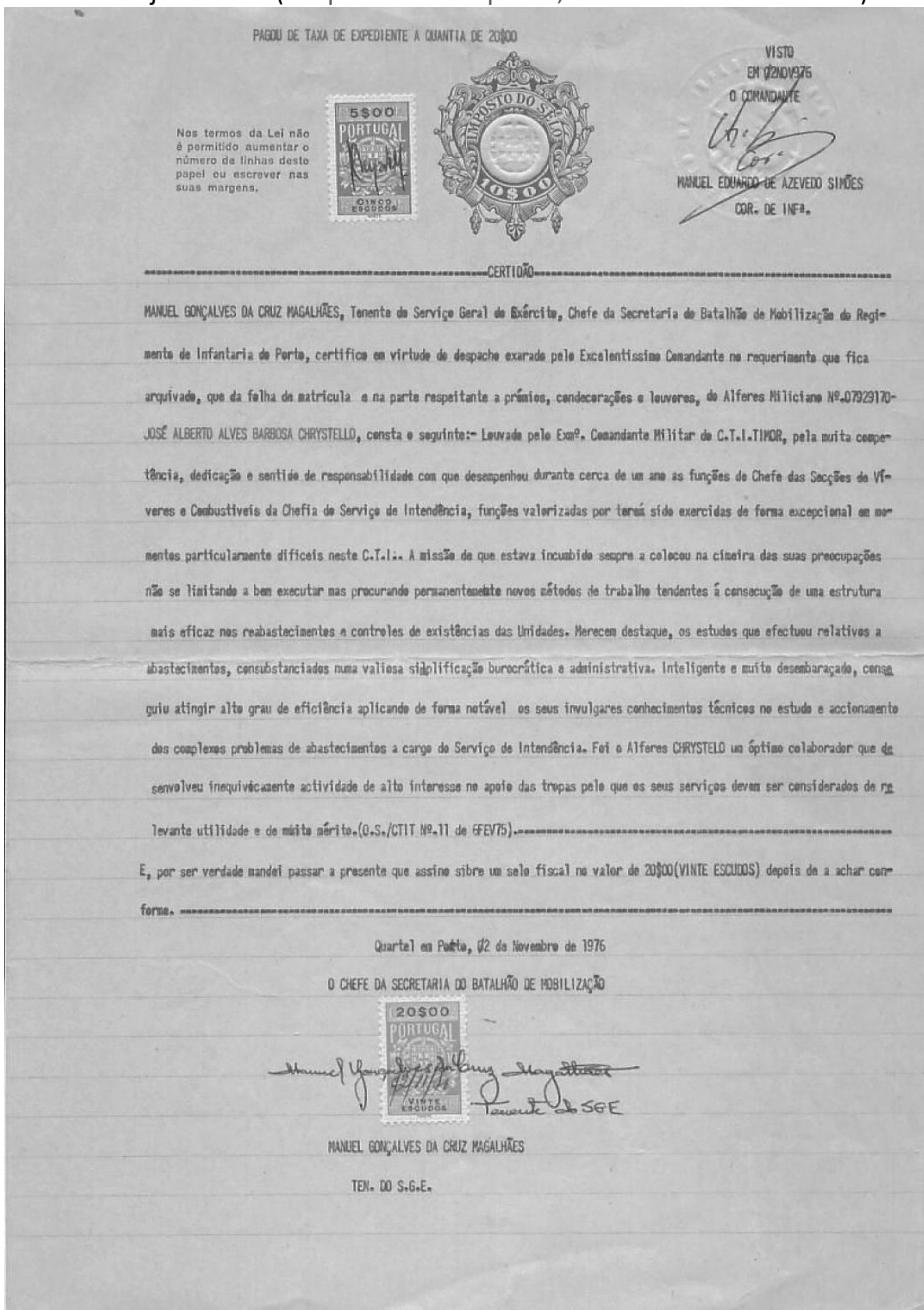
Fui a uma agência de viagens e arranjei documentos para provar que não pudera partir na *Zamrud*, para a qual tinha bilhete de regresso e que deixara de voar para Timor. Viajei na *Merpati* (outra companhia de aviação indonésia) a 28 fevº 1975. A chegada fora do prazo ameaça um raro caso de tribunal marcial, por deserção, exigido pelos mais conservadores da hierarquia. Devido à rarefação de oficiais, o Chefe dos Serviços de Intendência queria regressar e não tinha (além de mim) subordinado imediato para lhe suceder.

Mal chego, deparo com o Governador no aeroporto. Apesar do aspetto hippie fui logo reconhecido, deu-me boleia para a minha casa na SOTA, e convidou-me a ir ao Palácio na manhã seguinte. Logo que me refresquei fui falar com o meu chefe, major Carrilho. Nesses preparos, vestuário e cabelos longos mal me reconheceu, antes de se sentar no cadeirão de rota na varanda, como era seu apanágio, a ouvir as desventuras. Não mencionei a deceção australiana *sofrida*, pois saíra de Díli no auge daquela paixão.

Amedrontado, fui ao Governador na manhã seguinte com o fardamento da praxe. Depois de ouvir a preleção sobre a ausência, expliquei porque não voltara mais cedo. A *Zamrud* tinha interrompido os voos (o que era verdade), não conseguira transferir os bilhetes para a *Merpati* (também era verdade) e não tinha dinheiro (igualmente verdade) para um bilhete novo. Além disso a Indonésia não me deixara ir para Kupang (verdade, não documentada). Tinha documentos a

comprovar um empréstimo de AUD\$ 100.00 feito ao Consulado português em Melbourne e outro *idêntico* em Sydney.

O Governador aceitou as provas, ia arquivar o processo sumário de deserção, e, sorridente, mostrou um *Louvor por Altos e Relevantes serviços*, proposto pelo Chefe da Intendência. Sempre o entendi como merecido, mas fiquei espantado! Mais satisfeito ficou o meu chefe, por poder regressar e deixar a Chefia para mim. Os restantes oficiais eram “lírios” sem experiência, eu atuara como adjunto dele (no posto de Capitão, embora fosse alferes).



Assim, a ausência é perdoada, aceite a explicação. O estatuto de “AWOL” (ausente sem licença) revogado. Recebo o louvor, sou promovido a Chefe Interino de Intendência e faço um acordo com o CEM (Chefe do Estado-Maior) e com o Governador, falei do restaurante que me ia sustentar no futuro, e pedi que me deixasse regressar a Bali e apanhar o próximo voo militar das FAP para Lisboa com escala em Jacarta.

Cortei levemente o cabelo, ia a despacho ao CEM, gozando a nova felicidade sem me preocupar com notícias (e permanente censura), ou a revolução. Alheei-me, só pensava

voltar a Bali. O tempo passei-o num estado de imponderabilidade que se podia confundir com outra coisa, na Chefia da Intendência. Contava as horas até partir, as altas patentes deram conta do cabelo e do permanente sorriso feliz. A tropa era uma balda.

Em casa dedicava-me a um jogo curiosíssimo com os companheiros. Qualquer um deles comprava inúmeros géneros (açambarcamento puro e duro). Como eu tinha (em excesso) dezenas de latas de pêssego em calda, comecei a vender-lhas. Depois, esquecia-me e era eu quem as comia. Nunca se cansaram de falar disso, mesmo 25 anos mais tarde (1999) no lançamento do meu livro “Timor-Leste 1973-1975, o dossier secreto” em Lisboa.

Conheci, entrementes, um dos poucos casais civis, o Moisés, na Agronomia em comissão civil e a Helena Sá Nogueira (família Sá da Bandeira) que dava aulas, além de visitas psicadélicas LSD. Raras vezes saía e passava horas em meditação ouvindo incessantemente as cassetes (King Crimson e outros) que trouxera de Bali. Devem ter sido os dias menos dolorosos de todos. Chegou o dia de partir e voltar a quem me mantivera vivo à distância (na minha guia de marcha diz que saí de Timor 30 abril e desembarquei em Lisboa 27 maio 1975).



Hawker de Havilland DH-104 Dove 6.



Douglas DC2

Já esquecera o mês angustiante que passara no verão anterior quando a mulher com quem casei, fizera uma visita relâmpago de duas semanas.¹

Um dia apanhei o avião (seria o último) para Bali, Douglas DC2 da Merpati ou Dove 6 dos TAT, não há registo fotográfico e a memória já não é o que era. Deixei 2 caixotes de livros e roupas a despachar no Boeing 747 FAP (Força Aérea Portuguesa) esperado no verão. O jipe e a benquista mota 125 cc emprestei-os até voltar, o mais ficou na SOTA. Estava certo de regressar. Não houve grandes despedidas, exceto dos colegas de casa e amigos íntimos que ainda não tinham data de regresso, agora que a “guerra” acabara e a tropa desmobilizava.

Há muito que adotara a terra oriental que “o sol em nascendo vê primeiro.” Com a independência teria lugar naquela sociedade e uma pátria no verdadeiro sentido, em comunhão com o chão que pisava.

Mal retornei a Bali, revendi aos antigos donos a quota no restaurante e paguei o aluguer da mota do Dick Thorne, que se pisgara sem pagar (soube que em 1992 vivia perto de mim, em Bondi, Sydney). Fui em busca da angélica amada e mudamos para a minha terceira habitação, a bela cabana na praia, no pequeno resort, em Legian. Uma construção octogonal de bambu, no meio do palmar a 50 m do mar, 30 m², janelas em volta, traves no teto de colmo. Ao

¹. Foi com a mulher e filhos do cirurgião Prata Dias, meu colega de casa. Chegou, detestou tudo, todos e o clima, gastou (no supermercado de importações da Austrália), mais do que eu num ano, foi às praias, conheceu os meus amigos, odiou a casa preparada a tanto custo. Ignorou os impossíveis feitos para vir da montanha para Dili, que raramente se conseguia. Foi como viera, sem marcas nem saudades. Nem ela sabia explicar por que razão tinha ido lá. A visita tão rápida e inconsequente não merece mais do que esta nota de rodapé.

acordar, um mergulho nas águas quentes, sem preocupações, sem amanhã, nem ontem. Cá fora instalações sanitárias ocidentais em contraste com as do primeiro “losmen” onde vivi.

Dias antes encontrara a Jeanette, que conhecera anteriormente. Saíra da prisão após dois meses, denunciada como consumidora de droga pelo amante indonésio. Estava magra e irreconhecível! Se os eventos tivessem corrido mal, ninguém saberia que tinha sido presa. Devia estar louca, mas, enfim, na época era assim.

Em maio, chegou telegrama aos correios de Kuta (Poste Restante). Tinha de ir para Jacarta, o avião das FAP ia chegar. Fui com a benquista à Embaixada onde conheci o Major Vítor Alves, do Conselho da Revolução, que tentava infrutiferamente ir a Timor (nunca passou do Cupão, os indonésios retiveram-no).

Alojei-me no hostel da juventude “Wisma de Lima”. Tratei dum tornozelo infetado por uma queda de mota em Kuta. A Embaixada indicou um médico local e lá fui de *bemo*². Depois de esperar, com mais de 50 pessoas, fui atendido, a ferida tratada e receitado antibiótico. Guardo a marca, se não a tivesse tratado, gangrenava.

O escritor Brian Thacker, em 2008, seguiu as pisadas da viagem de 1974 dos fundadores da Lonely Planet, Maureen e Tony Wheeler. Usou as informações recolhidas, partindo de Melbourne convicto de que a maior parte dos locais eram viadutos ou autoestradas.

O livro de 148 pp. esbarrou em Darwin, para ir a “Timor Português,” o voo trisseminal da TAA a 73 AUD\$ há muito desaparecera, tal como a TAA e companhias indonésias da época. Timor já não era a “colónia antiquada” nem tinha turismo, ao contrário de 1974, e os locais pensavam que um estrangeiro era da ONU, a quem extorquir dinheiro. A “Beach House” ou “Hippie Hilton” de Díli (a palapa de colmo com o mar a escassos metros) já não existia. Os excelentes restaurantes chineses de Baucau desapareceram quando os donos foram obrigados a abandonar Timor na invasão de 1975.

Thacker encontrou muita coisa inalterada, na Indonésia, nas mãos dos donos, filhos e netos. Jalan Jaksa era o centro dos turistas de pé descalço “backpackers”. O Wisma de Lima onde eu estive era gerido pelo filho do dono. O pai abriu o Hostel em 1969. Na vila dos artistas, Ubud a paisagem não era a mesma, carros buzinando nas ruas, mas os restaurantes “Canderi” e “Ibu Rai” tinham netos dos donos a geri-los com a mesma ementa, “bean soup and Bali-style porridge”.

Desta vez, e ao contrário de viagens anteriores, não fui a Borobodur. Apreciara imenso a enorme catedral hindu e budista redescoberta em finais do séc. XIX, 40 km a noroeste de Jogyakarta. Os ingleses administravam a colónia (1811-15) e o Governador-geral Sir Thomas Stamford Raffles, acreditava na existência duma anterior civilização desenvolvida e incumbiu o holandês H. C. Cornelius de explorar. Escondida pela vegetação surgiu em 1814, soterrada e em ruínas. Duzentos homens desenterraram o monumento, restaurando-o durante 5 anos.

Tem 42 m. de altura, 123 x 123 m., 10 andares na forma quadrada e circulares do sétimo andar ao décimo. É uma mistura de zigurate com uma stupa Indiana, virado para leste, com 1460 painéis (1212 em relevo de 2 m de largura). Há 504 estátuas de Buda. Borobodur é uma das sete maravilhas do mundo. Visto de avião parece que flutua. A construção começou com a dinastia hindu Sanjaya em 780. O Rei Sanmaratungga da dinastia budista Shailendra adaptou-o. Originalmente hindu tornou-se num monumento ao Buda Mahayana e foi misteriosamente

² Um tipo de **minibus aberto ou micro-ônibus** (muitas vezes de três rodas no passado, agora geralmente quatro rodas) que funciona como transporte público local e acessível, operando em rotas fixas, similar a um “angkutan” ou “táxi a lotar”, embora o termo “bemo” seja mais específico para veículos com cabines adaptadas, populares em Bali e outras regiões, oferecendo uma forma tradicional de transporte.

abandonado. Representa os 4 níveis da realidade, um deles sob a terra. O primeiro tem 5 degraus, o segundo 72 Stupas em três círculos, com a estátua de Buda. No terceiro nível, uma stupa gigantesca vazia (o vazio cósmico). Entre 1973 e 1983, foi reconstruído pela UNESCO, sendo totalmente “desmontado”, cada pedra marcada, tratada, limpa quimicamente, e novamente recolocada por 25 milhões USD\$.

No aeroporto, a cena tipo *Midnight Express*. Os indonésios alegaram que o avião estava em escala técnica e não autorizavam o embarque, sem manifesto de carga ou passageiros. O Comandante da aeronave e o Cap. Cariano (que me punira com detenção agravada em Bobonaro, outº 73) foram perentórios ou arranjava maneira de entrar ou ficava em terra.

Apesar de falar fluentemente ‘bahasa indonesia’, liguei, pressuroso, para a Embaixada que disponibilizou uma intérprete. Fui ouvido por um coronel, *deveras intrigado como era possível* um oficial do exército português ter aspeto de hippie. Expliquei que estava em férias e aguardava embarque para voltar a ser civil. O coronel queria saber como tinha passado os últimos meses a entrar e sair, para a Austrália e para Timor, pois a única explicação era ser um espião. Foi complicado e demorado. Depois de conferenciar, com altas patentes, acabou por deixar-me embarcar.

Consegui (com imensa sorte, diga-se) passar pelo controlo alfandegário sem problema. Levava a pequena mochila às costas, um *rucksack* (mochila militar redonda e verde) com roupa suja e uma sacola de linho a tiracolo com os documentos.

4.2. MEMÓRIAS DE BALI, CRÓNICA 10, 19 JANº 2006

As mais lindas palavras de amor, são ditas no silêncio de um olhar.

Leonardo da Vinci

Bali tem 4,3 milhões hab. (30 mil estrangeiros) e 5780 km² e S. Miguel nos Açores, 137 700 habitantes e 744 km². António Abreu e Francisco Serrão foram os primeiros europeus na ilha em 1512.

Quando falo do nirvana, perdão Bali, reconstruo mentalmente o período como se tivesse ocorrido na véspera e peroro sobre o que vivi. Menciono o coração da ilha, Ubud, na montanha, onde ocidentais descobriram a escultura, pintura, dança, música.

Lá encontra-se de tudo, especialmente trabalhos esculpidos em madeira. Perto, o Santuário da Montanha dos Macacos (irritantes) e os seus templos. Detestei, os macacos eram uma verdadeira peste.

Bali “Ilha dos 1000 Templos” ou “dos Deuses.” As aldeias têm três: Pura Desa, para os festivais religiosos, Pura Dalem para a Deusa da Morte (cremação) e Pura Puseh para os Deuses do Céu. Há-os na montanha, vales e arrozais (Deusa do Arroz). Todos diferentes, milhares. Vi dezenas nos enriquecedores meses. É verdade que não fui para contar templos.

Bali tem duas montanhas sagradas, o *Gunung Agung* e *Gunung Batour*. Talvez o mais importante templo seja o *Besakhi* no vulcão *Agung* (3 150 m), que nunca adormece profundamente. Em 1963, um erro na cerimónia do centenário do *Eka Desa Rudra* despertou-o, após um repouso de 120 anos. Foi um milagre o templo não ficar danificado apesar de mortes e danos consideráveis. Este evento só se realiza a cada cem anos.

Uma cerimónia de purificação em que a harmonia e o equilíbrio nas pessoas e na natureza são restaurados em onze direções. O que ocorreu 16 anos antes da data deveu-se ao ditador Sukarno tentar impressionar um congresso mundial de agentes de viagem. Ia a cerimónia a meio quando o *Gunung Agung* começou a vomitar cinzas e fumo na mais violenta erupção em 600 anos: 1600 mortos, 80 mil desalojados, o custo da imprudência do ditador.



O Gunung Agung (atrás com o vulcão do mesmo nome) e Gunung Batour, as duas Montanhas Sagradas de Bali



estive aqui no topo, numa tarde chuvosa e ventosa, cheio de frio e de medo pois as fumarolas estavam muito ativas nesse dia.

Todos os festivais são cortejos coloridos, procissões, músicos a tocarem gamelão, instrumento musical de metalofones, xilófonos, gongos e percussões. Alguns homens levam bambus com bandeiras brancas e amarelas, outros seguram guarda-sóis dourados de hastes compridas sobre um andor. Vão à ribeira purificar-se, em pontos de água sagrados. Animada pelos mantras, torna-se água de exorcismo: irá lavar as oferendas. Em Besakhi, no templo-mãe, há cinquenta e cinco festas ao ano (o ano dura 210 dias em Bali), uma a cada 3,8 dias, está sempre em festa. Os tocadores de gamelão fazem o ar vibrar, as oferendas de flores e frutos enfeitam os altares e a alegria dos deuses desce sobre os participantes.

Os templos têm duas áreas abertas, um ante-pátio exterior com a entrada dividida ou *Candi Bentar*, e um interior com uma porta telhada ou *Padu Raksa*.

A palavra para templo é *Pura*, em sânscrito, literalmente “*lugar cercado por paredes.*”

Os templos têm dois ou três pátios, a entrada exterior é elaboradamente decorada com relevos na pedra e duas estátuas, uma de cada lado, os guardiões. As paredes decoradas com baixos-relevos descrevendo cenas históricas da tradicional mitologia *Mahābhārata* ou da vida quotidiana em Bali. No pátio interior existe a imponente frangipana (*Plumeria rubra*) ou figueira *waringin* (*Ficus benjamina*). No pátio exterior, fazem-se as preparações para os ritos religiosos. No interior é o santuário com altares e tronos dos deuses.



Festival no Templo Kintamani Pura Ulun Danu Batur Candi Bentar em Pura Beji, norte de Bali



Merus em Pura Batour no Lago Batour



Merus em Pura Batour

Cada templo tem um altar para o deus dos antepassados (*o mais importante*), e dois para as montanhas sagradas *Gunung Agung* e *Gunung Batur*. Os majestosos *Meru* parecem pagodes chineses de madeira numa base de pedra com fileiras de telhados, cobertos com folhas negras de palmeira. A arquitetura e construção, obedecem ao calendário balinês. Têm um número ímpar de fileiras (onze: dedicados a Shiva).



Pura Luhur Uluwatu séc. XI



O povo balinês é conservador, tradicional, educado e sorridente, utiliza o aperto de mão como cumprimento para homens e mulheres. A esquerda é utilizada para higiene e nunca se deve dar ou receber com ela, nem apontar.

Quanto a vestuário, tenha sempre um sarong à mão. A visita a um templo impede usar roupas ocidentais, por mais *pudicas* que sejam. As cerimónias nos templos são eventos sagrados, usa-se o traje nativo *pakian adat*, mulheres de *cabaia*, *kain* [saia] com faixa e homens de *udung* [bandana], um *saput* comprido por cima do *sarong* [a designação correta é *kamben*] e faixa. Não se deve entrar sem ser convidado.

Nos templos um letreiro me impressionara e chocara quando o vi em 1974. Depois habituei-me, muitas vezes em quatro línguas, lembrava a interdição de ingresso no templo às pessoas “impuras” como no período menstrual.



Por uma lei religiosa ancestral: **mulheres menstruadas são tradicionalmente proibidas de entrar em templos** por serem consideradas impuras nesse período, uma regra que visa o respeito às tradições hindus locais, com turistas recebendo avisos sobre o comportamento adequado nos templos. Igualmente proibida a entrada a pessoas de ambos os sexos, com feridas. Seria uma ideia genial a aproveitar para os templos portugueses dada a impureza que grassa em Portugal...

A dança é um meio de comunicar com os deuses. Os bailadores mimam cenas da *Rāmāyana* e episódios míticos com monstros, feiticeiras, amor e ódio. A *legong kraton*, só pode ser interpretada por duas jovens de menos de 16 anos. Uma longa tira aperta o busto das bailarinas que executam passos precisos, acompanhados de movimentos de cabeça, ombros e corpo. As outras (Kecak, barong kris, tari legong) são mesmerizantes, com música monocórdica que a princípio se estranha e depois se entranha, parecendo ter várias tonalidades.

Em Bali não se usam nomes de “estrelas de futebol ou cinema” para os recém-nascidos. O primeiro filho tem sempre o nome de *Wayan*, *Gede ou Putu*. O segundo *Made* (lê-se máhdei), *Nengah ou Kadek*. O terceiro é *Nyoman*, o quarto *Ketut* (pronunciado katut). Se houver um quinto, a lista recomeça. Tanto faz se for homem ou mulher. Pode parecer estranho, mas o sistema é simples e prático.

O *Wayang Kulit* (teatro de sombras) começa ao pôr-do-sol num ecrã de algodão branco diante do qual são animadas as marionetas. O *dalang*, que manipula, oficia como personagem sagrada: tem a sombra dos deuses na ponta dos dedos, autêntico transe. Originalmente, os *wayang kulit* eram retratos em pergaminho dos antepassados como receptores dos espíritos.

A religião baseia-se no Hinduísmo, incorpora influências anteriores e crenças animistas na adoração dos antepassados. Em tempos imemoriais, o fundador da aldeia era venerado como deus após a morte. Os deuses (Terra, Fogo, Água e Fertilidade) eram manifestações do *Trimurti*, a trindade Hindu de *Brahma*, *Vishnu*, e a criadora - destruidora *Shiva*.

Bali tem um sistema de castas, semelhante à Índia. A mais elevada dos *Brâmanes*, sacerdotes, depois, nobres (antigas famílias reais) *Ksatriyas*. A terceira é *Vesiya*, os guerreiros e a mais baixa dos *Sudra*, 95% da população. O animismo, a crença nos demónios e nos espíritos malévolos mantém-se arreigado. As tradições exóticas, de cultura milenar, diferem das restantes ilhas, preservadas apesar da massificação turística. Os Balineses têm uma visão dualística do mundo, a que se refere o pano, saio de xadrez usado em templos e estátuas.

A cremação, *Ngaben*, foi a que mais me marcou, a mais importante, catalisa todas as crenças que se manifestam nas cerimónias públicas e rituais privados.

A religião balinesa acredita que a alma se reencarna, por fases, até atingir a *Moksha*, a libertação eterna. Os que não conseguem atingir a perfeição voltam ao mundo em busca da libertação. Depois da morte, os cinco elementos cósmicos, ar, terra, fogo, água, e espaço exterior, acompanham a pessoa na viagem e ajudam a

atingir a Moksha. A cerimónia não pode ser feita em qualquer dia nem oficiada por qualquer pessoa.

Terá de se definir um dia propício, a família do morto deve financiá-la. Se o dia propício à cremação chegar anos após a morte, é um problema para a alma, que não pode ser libertada. Durante a espera o corpo é enterrado e quando chega o dia, é desenterrado. Se a comunidade tiver vários, há a cremação conjunta, o que ajuda às despesas.

A procissão não pode ir diretamente para a cremação, porque se o espírito do morto se lembrar de onde vivia, pode importunar a família. É preciso confundi-lo, atrapalhando espíritos desocupados que resolvam segui-la. Os balineses reúnem em grupos para conversar e contar histórias, e os espíritos podem fazer o mesmo, batendo à casa do morto. As procissões funerárias, além de coloridas e festivas, são complicadas, em círculos, caminhos de ida e volta, o sacerdote no andor deita a aspersão de água benta na procissão e nos que estão na estrada, para protegê-los. Vale tudo para confundir os espíritos.

Mesmo na família rica, os membros da comunidade contribuem. Depois da cremação, as cinzas são dispersas no ar e água. O corpo deve estar num sarcófago em forma de animal, que varia de etnia para etnia. Alguns são surrealistas como a mistura de elefantes com peixes. Os corpos são envolvidos com finos tecidos, os mais caros que a família puder e transportados num andor. Um telhado, no caso dos pobres, e 11 para reis ou altos sacerdotes (25 m.), cumprindo rituais de dança que fazem a torre girar perigosamente. Foi o que aconteceu com a torre do Rei Pemecutan, 600 pessoas cremadas, festa, bebidas e doces em profusão.



Ngaben em Bali



Torre com 11 telhados, o máximo

permitido, destinada ao transporte do morto de sua casa até ao local da cremação. O número máximo de telhados indica a morte de um rei. Quatrocentas pessoas transportaram essa torre de 25 metros, com o Rei Pemecutan morto. A honraria dos 11 telhados só é concedida aos nobres Brâmanes – altos sacerdotes. Quase 600 pessoas foram cremadas nesse dia em um ritual semelhante a uma festa, com bebidas e doces em profusão

A mais impressionante a que assisti, talvez por ser a primeira, ocorreu na praia de Kuta, o sarcófago em forma de vaca. Centenas de pessoas, dia quente e húmido (fevº 1975). O cortejo levado à praia e o falecido devolvido aos cinco elementos originais: a terra (Pertivvi), a água (Apah), o fogo (Teja), o ar (Bau), e o éter (Akasa). O corpo num andor enfeitado de flores,

espelhos e sedas coloridas carregado aos ombros. Toda a gente dançou e cantou em volta do andor após se atear o fogo. O cheiro intenso, mas não desagradável, na atmosfera surreal, não se explica, vive-se, em toda a conjugação de elementos.

Depois de horas, os convivas meteram-se em canoas e no mar se despojaram das cinzas. Foi então que decidi ser cremado com as cinzas no Pacífico. Durante anos tive essa cláusula num testamento, o que espantara a minha mulher Nini, descrente de coisas dos orientes. Em outº 2016, a Igreja Católica proibia que fossem veladas em casa ou lançadas ao mar, só guardadas em local de culto.



Quando se tem dinheiro em Bali (1975), aluga-se uma moto e tenta-se sobreviver. Não há regras de trânsito. É como em Portugal, só se aplicam se o polícia obrigar. Lembro-me de (*mais do que uma vez*) me ter atirado para a valeta a fim de não ser colhido por um carro a grande velocidade. Guardo num tornozelo a cicatriz duma queda dessas. Naquela época ainda se guiava sem capacete.

Quando o dinheiro era pouco usava-se o *bemo*, transporte coletivo que arranca quando está cheio (motorizadas de pequena caixa fechada, levam 10 pessoas!). Havia *becak* ou riquexós, com um assento para passageiros (máximo dois) puxados pelos pedais e força dos esqueléticos condutores, autênticas bestas humanas.

Hoje há versões modernas, melhor motorização e mais confortáveis.



Bemo

Becak riquexó 1975



Bemo



Becak ou riquexó

